As Sombras de Ismael no Movimento Febiano-Espírita

Da investigação kardeciana ao dogmatismo institucional

Ensaio crítico sobre a transformação do método espírita na Federação Espírita Brasileira

Introdução: o problema não é quem fala, mas como se decide o que é verdade

A história do Espiritismo no Brasil não pode ser compreendida apenas pela enumeração de instituições, médiuns, livros e dirigentes. Existe uma questão anterior e mais profunda: qual critério passou a determinar aquilo que poderia ser apresentado aos espíritas como doutrina? É nesse ponto que se encontra a divergência essencial entre o método formulado por Allan Kardec e o modelo que, ao longo do tempo, se consolidou em torno da Federação Espírita Brasileira (FEB).

A crítica desenvolvida neste ensaio não depende de julgar a sinceridade pessoal de Ismael, Jean-Baptiste Roustaing, Bezerra de Menezes, Guillon Ribeiro ou de qualquer dirigente da Federação. Também não exige negar a possibilidade de comunicações espirituais posteriores a Kardec. O problema é mais elementar: uma comunicação mediúnica, uma tradição espiritual ou uma interpretação religiosa pode adquirir autoridade doutrinária simplesmente porque foi atribuída a um Espírito considerado elevado, porque foi recebida por um médium respeitado ou porque uma instituição importante decidiu adotá-la?

Para Kardec, a resposta é inequívoca: não. Nenhum nome, encarnado ou desencarnado, constitui por si mesmo garantia da verdade. A validade de uma afirmação depende do exame racional, da coerência com os fatos e, quando se trata de novos princípios transmitidos pelos Espíritos, da concordância obtida por fontes independentes. Essa estrutura metodológica impede que uma revelação

particular se converta em dogma apenas pela força da autoridade.

A tese deste estudo é que a FEB deslocou progressivamente esse eixo. O método crítico e universalista de Kardec cedeu espaço a uma construção religiosa organizada em torno de tradições espirituais particulares, de uma narrativa providencial sobre o Brasil, da autoridade simbólica de Ismael e da incorporação institucional de elementos provenientes de Roustaing. O resultado foi uma transformação profunda: o Espiritismo apresentado por uma parcela decisiva do movimento brasileiro passou a funcionar muito mais como uma religião organizada do que como a ciência filosófica de observação concebida por Kardec.

1. O método de Kardec: autoridade dos fatos, não das pessoas

Antes de analisar a FEB, é necessário estabelecer com precisão o que se entende por método kardeciano. Kardec não se apresentou como profeta, sacerdote ou depositário exclusivo de uma revelação. Seu trabalho consistiu em reunir fenômenos, comparar comunicações, formular hipóteses, rejeitar explicações insuficientes e organizar resultados que considerava suficientemente corroborados.

Essa atitude aparece de maneira explícita em várias obras. Em O que é o Espiritismo?, ao discutir as contradições existentes nas comunicações mediúnicas, Kardec estabelece dois controles: primeiro, o exame severo da razão, do bom senso e da lógica; segundo, a concordância do ensino obtido por Espíritos e médiuns independentes entre si. O princípio é decisivo porque destrói a ideia de autoridade mediúnica individual.

“O primeiro controle é, pois, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos.” — Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, Introdução, II.

O alcance dessa regra é frequentemente subestimado. Kardec não diz que algumas comunicações devem ser submetidas à razão. Ele afirma que tudo o que venha dos Espíritos deve passar por esse controle, sem exceção. Isso inclui mensagens atribuídas a personagens venerados, orientadores espirituais de

grupos, patronos de instituições e médiuns de grande reputação.

Em A Gênese, o mesmo princípio aparece sob outra perspectiva. Kardec sustenta que o Espiritismo, por estar apoiado em fatos, deve ser progressivo como as ciências de observação. Se novas descobertas demonstrarem que uma afirmação espírita está errada, essa afirmação deve ser modificada. Uma doutrina que se recusa a corrigir-se diante dos fatos deixa de seguir o método que lhe deu origem.

“Se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.” — Allan Kardec, A Gênese, cap. I, item 55.

Não há, portanto, espaço lógico para ortodoxia baseada em fidelidade pessoal. Kardec não pede que o leitor seja kardecista no sentido de aceitar sua palavra como autoridade. O que ele exige é que toda proposição seja examinada de acordo com critérios que permanecem superiores ao próprio autor.

Esse detalhe muda completamente o problema histórico. A questão não é se uma doutrina posterior é “bonita”, consoladora, moralmente edificante ou transmitida por um Espírito respeitável. A questão é se passou pelo mesmo processo de validação exigido por Kardec antes de ser apresentada como pertencente ao Espiritismo.

2. O Controle Universal do Ensino dos Espíritos

O ponto central do sistema de validação de Kardec é aquilo que ele denominou Controle Universal do Ensino dos Espíritos. Não se trata de um acessório da Codificação, mas do mecanismo destinado precisamente a impedir que opiniões individuais se convertam em revelações obrigatórias.

Na introdução de O Evangelho segundo o Espiritismo, Kardec parte de um problema elementar. Se os Espíritos tivessem revelado a doutrina a um único homem, seria necessário acreditar nesse homem sob palavra. Mesmo admitindo sua sinceridade, ele poderia reunir seguidores, mas não teria garantia suficiente para estabelecer uma doutrina universal. A solução está na multiplicidade independente das fontes.

Kardec explica que a concordância relevante não é aquela obtida por um médium que interroga diversos Espíritos, nem mesmo a obtida dentro de um único grupo. Influências comuns, obsessões, predisposições e sistemas previamente aceitos poderiam contaminar todos os resultados. A garantia séria exigiria comunicações espontâneas, provenientes de grande número de médiuns estranhos uns aos outros, em diferentes lugares.

“Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.” — Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, Introdução, II.

Esse método tem uma consequência imediata para o Espiritismo brasileiro: nenhuma tradição espiritual exclusivamente brasileira pode adquirir autoridade doutrinária apenas porque foi repetida dentro do próprio ambiente que já a aceita. A repetição de uma ideia por médiuns formados na mesma cultura religiosa não equivale ao controle universal concebido por Kardec.

Isso vale diretamente para a narrativa de Ismael como guia espiritual do Brasil, para a ideia de uma missão espiritual especial atribuída à nação brasileira e para qualquer sistema doutrinário desenvolvido posteriormente. Não é necessário declarar previamente que essas afirmações são falsas. É suficiente observar que, para serem incorporadas como princípios do Espiritismo, precisariam satisfazer o critério estabelecido pela própria Codificação.

Esse ponto é particularmente importante porque Kardec advertiu contra a formação de ortodoxias humanas ou espirituais. Ele recusava que um indivíduo, ou mesmo um Espírito isolado, pudesse impor-se como fonte doutrinária. O que deveria fundar a autoridade do Espiritismo era a universalidade, controlada simultaneamente pela razão.

3. A Revista Espírita: o laboratório do método

A Revista Espírita — Jornal de Estudos Psicológicos, publicada sob a direção de Kardec a partir de janeiro de 1858, permite observar o método em

funcionamento. As obras fundamentais apresentam resultados organizados; a Revista mostra o processo pelo qual esses resultados eram discutidos, testados e frequentemente mantidos em estado provisório.

Ao longo de suas páginas, encontram-se relatos de fenômenos, comunicações contraditórias, hipóteses, objeções, cartas de leitores, estudos de casos, debates com adversários e retificações. Kardec não trata o material mediúnico como escritura revelada. Ele comenta, compara e, quando considera necessário, suspende o julgamento.

Essa atitude torna-se especialmente importante quando se examina a recepção de Os Quatro Evangelhos, de Jean-Baptiste Roustaing. Em 1866, Kardec publicou uma notícia bibliográfica sobre a obra. Reconheceu que ela continha elementos compatíveis com princípios já estabelecidos, mas recusou-se expressamente a aprovar suas teorias novas.

“Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam [...] e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.” — Allan Kardec, Revista Espírita, junho de 1866.

Kardec menciona especificamente a tese segundo a qual Jesus teria possuído um corpo fluídico, apresentando-se apenas com as aparências da corporeidade humana. Em vez de aceitá-la pela autoridade dos Espíritos que a teriam transmitido, classifica-a como hipótese, registra que já havia objeções sérias e afirma que os fatos poderiam ser explicados sem abandonar as condições da humanidade corporal.

Essa passagem é decisiva. O problema Roustaing não pode ser resolvido afirmando simplesmente que Kardec “elogiou” sua obra, porque o próprio texto estabelece uma separação nítida entre o que concordava com princípios já aceitos e aquilo que constituía teoria nova. Para essas teorias, Kardec exigiu exatamente o que exigia de qualquer inovação: sanção futura e controle universal.

A Revista Espírita mostra, portanto, um pesquisador que se recusa a transformar uma hipótese mediúnica em dogma. Essa postura contrasta fortemente com o desenvolvimento posterior de uma cultura religiosa na qual livros psicografados e tradições espirituais passaram muitas vezes a ser recebidos pelo público como extensões naturais da Codificação.

4. O nascimento da FEB e a construção de uma missão providencial

A Federação Espírita Brasileira foi fundada no Rio de Janeiro em 2 de janeiro de 1884. O fato histórico, por si só, não apresenta qualquer dificuldade. A questão começa quando a história da instituição é reinterpretada como manifestação de um plano espiritual previamente estabelecido.

Em textos ligados à própria memória federativa, chama atenção a observação de que a FEB já nasceu com o título de "Federação" quando ainda não havia propriamente instituições federadas em torno dela. Em vez de tratar isso apenas como escolha organizacional de seus fundadores, a narrativa institucional passa a enxergar no fato um sinal de planificação superior.

Esse tipo de interpretação é significativo porque converte acontecimentos administrativos em indícios de uma missão providencial. A instituição deixa de ser apenas uma organização criada por homens com determinado projeto e passa a ser apresentada como instrumento terrestre de uma direção espiritual anterior à sua própria existência.

A partir daí, a história da FEB adquire um caráter sacralizado. Suas crises podem ser interpretadas como provas; sua permanência, como confirmação de uma missão; sua expansão, como cumprimento de um plano. O problema metodológico aparece quando a própria trajetória da instituição passa a ser usada como evidência da narrativa espiritual que a legitima. Forma-se um circuito fechado: a missão explica a instituição, e o sucesso da instituição confirma a missão.

5. Ismael e a transferência da autoridade

A figura de Ismael ocupa posição central nessa construção. Na tradição difundida no movimento federativo brasileiro, Ismael é apresentado como guia espiritual do Brasil e como referência da missão religiosa atribuída à FEB. O nome "Casa de

Ismael", longe de funcionar apenas como homenagem, expressa uma identidade espiritual institucional.

É preciso delimitar corretamente a crítica. O problema não está em admitir a possibilidade de existência de um Espírito chamado Ismael, nem em considerar legítimo que uma instituição tenha protetores espirituais. Kardec jamais negou a existência de Espíritos protetores de pessoas ou agrupamentos. O problema surge quando a palavra atribuída a esse guia se transforma em fundamento normativo para a identidade doutrinária de todo um movimento.

Sob o método kardeciano, a afirmação "Ismael é o guia espiritual do Brasil" continuaria sendo uma informação mediúnica particular até que estivesse suficientemente confirmada por fontes independentes e submetida ao crivo da razão. O mesmo vale para a missão especial do Brasil como "Pátria do Evangelho". A importância cultural dessas narrativas não lhes confere automaticamente estatuto doutrinário.

Quando uma instituição fundamenta sua identidade em uma autoridade espiritual que ela própria reconhece como dirigente, ocorre uma alteração relevante no eixo epistemológico. Em Kardec, a autoridade está sempre submetida ao método. Nesse modelo, o método corre o risco de ficar submetido à autoridade.

A diferença parece sutil, mas é estrutural. Uma doutrina de exame pergunta: "como sabemos que isso é verdadeiro?". Uma religião de autoridade pergunta: "quem disse isso?". Quando o segundo critério prevalece, a reputação do Espírito, do médium ou da instituição passa a fazer o trabalho que deveria ser realizado pela demonstração.

6. Da autoridade da razão à autoridade institucional

A consolidação federativa também produziu outro deslocamento: o crescimento da autoridade institucional. A própria ideia de unificação pode ter valor administrativo legítimo. Instituições podem cooperar, compartilhar recursos e coordenar ações sem qualquer prejuízo à liberdade doutrinária. O problema começa quando unidade administrativa e unidade de pensamento passam a ser

confundidas.

Kardec concebeu o Espiritismo de modo incompatível com uma ortodoxia produzida por uma autoridade central. A concordância universal não é uma votação institucional e não depende da homologação de uma federação. Ela resulta da convergência espontânea de ensinamentos independentes, submetidos ao exame crítico.

Quando uma instituição adquire enorme poder editorial, simbólico e federativo, suas escolhas passam inevitavelmente a influenciar aquilo que gerações inteiras de leitores entendem por Espiritismo. Livros publicados, autores promovidos, temas enfatizados, cursos padronizados e discursos de unificação criam uma cultura doutrinária mesmo sem a existência formal de um magistério.

Esse processo é especialmente importante no caso brasileiro. A FEB não precisou declarar-se uma igreja para exercer funções semelhantes às de uma autoridade religiosa: definiu cânones editoriais de fato, difundiu interpretações específicas, reforçou narrativas espirituais próprias e tornou-se referência para numerosas instituições filiadas ao movimento federativo.

A consequência não é necessariamente uma imposição jurídica. É uma forma mais difusa de autoridade: a tradição institucional passa a ser confundida com a própria Doutrina Espírita. Criticar uma interpretação da FEB pode então ser percebido como atacar o Espiritismo; questionar um livro consagrado pelo movimento pode parecer irreverência; submeter uma mensagem mediúnica popular ao mesmo exame exigido por Kardec pode ser tratado como excesso de racionalismo.

7. A inferiorização do Espiritismo científico

A transformação religiosa do Espiritismo brasileiro também dependeu de uma narrativa histórica específica: a ideia de que o movimento europeu, especialmente o francês, teria fracassado por concentrar-se excessivamente no fenômeno e na investigação, enquanto o Brasil teria desenvolvido corretamente a dimensão evangélica e moral.

Essa oposição contém um falso dilema. Em Kardec, ciência, filosofia e consequência moral não são projetos rivais. A moral espírita deriva de uma visão de mundo construída sobre a investigação dos fatos. Retirar o método e preservar apenas a edificação religiosa não significa completar Kardec, mas modificar a arquitetura de seu pensamento.

A Revista Espírita demonstra isso de maneira inequívoca. Kardec não considerava o estudo do fenômeno uma distração inferior diante da moral. O fenômeno era a base empírica pela qual questões sobre alma, sobrevivência, reencarnação, identidade e influência espiritual poderiam ser examinadas. Sem essa base, o Espiritismo correria o risco de regressar ao terreno da crença religiosa.

A religiosidade brasileira, porém, favoreceu outra recepção. Sermões, mensagens edificantes, romances mediúnicos e figuras carismáticas passaram a ocupar espaço muito maior do que investigação experimental, história doutrinária e crítica de fontes. O resultado foi a formação de uma cultura em que "sentir-se consolado" frequentemente adquiriu mais peso do que perguntar se determinada afirmação estava demonstrada.

A consequência histórica é profunda: em vez de o Espiritismo utilizar o método para investigar o mundo espiritual, o mundo espiritual passa a fornecer mensagens que orientam religiosamente o movimento. Troca-se uma ciência de observação das relações entre os dois planos por uma religião baseada em informações provenientes do plano invisível.

8. Roustaing: de hipótese não sancionada a patrimônio institucional

A relação da FEB com Jean-Baptiste Roustaing constitui um dos exemplos mais claros dessa transformação. Roustaing publicou Os Quatro Evangelhos em 1866 e apresentou sua obra como uma interpretação espiritual ampliada dos Evangelhos. Kardec analisou-a no mesmo ano e adotou postura metodologicamente cautelosa.

Como visto, Kardec recusou-se a aprovar as teorias novas de Roustaing. Declarou

que deveriam ser consideradas opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam até que recebessem confirmação mais ampla. Essa posição deveria ter consequências óbvias: qualquer incorporação posterior dessas ideias ao Espiritismo precisaria demonstrar que a sanção exigida por Kardec efetivamente ocorreu.

No entanto, a obra de Roustaing adquiriu espaço institucional relevante na FEB. A própria plataforma de consulta mantida historicamente pela Federação registra conceitos extraídos de Os Quatro Evangelhos e referencia edições publicadas pela casa editorial. Isso comprova que Roustaing não foi simplesmente uma curiosidade histórica externa ao movimento federativo; sua obra foi preservada, traduzida, editada e utilizada como fonte.

A divergência mais conhecida envolve o corpo de Jesus. Roustaing sustenta que Jesus não teria possuído um corpo carnal comum, mas um organismo de natureza fluídica, com aparência material. Kardec, ao comentar essa tese, reconheceu sua possibilidade abstrata dentro das propriedades do perispírito, mas enfatizou seu caráter hipotético e observou que os fatos poderiam ser explicados sem abandonar a humanidade corporal.

A diferença não é apenas cristológica. É metodológica. Roustaing edifica um sistema amplo a partir de comunicações mediúnicas específicas; Kardec recusa-se a aceitar esse sistema como doutrina sem confirmação universal. Quando uma instituição posteriormente promove a obra sem demonstrar que o requisito metodológico foi satisfeito, o problema não está apenas na conclusão teológica: está no critério que permitiu que a conclusão ganhasse autoridade.

Herculano Pires e Júlio Abreu Filho tornaram essa questão explícita em O Verbo e a Carne. Herculano tratou o roustainguismo como problema a ser submetido ao crivo da razão e criticou o espaço que a obra recebeu dentro da FEB. Ainda que o leitor discorde da severidade de sua linguagem, o núcleo de sua objeção coincide com o método de Kardec: uma teoria mediúnica não se torna verdadeira por tradição, prestígio ou antiguidade.

9. Bezerra de Menezes e a consolidação do eixo religioso

Bezerra de Menezes ocupa lugar fundamental na história da FEB. Sua importância institucional e sua atuação conciliadora são incontestáveis. A questão, novamente, não é medir suas virtudes pessoais, mas compreender a orientação que prevaleceu sob sua liderança.

O movimento espírita brasileiro do final do século XIX estava dividido por tensões entre tendências mais científicas, filosóficas e religiosas. A solução federativa buscou superar a fragmentação. Nesse processo, a orientação evangélico-religiosa tornou-se cada vez mais central.

Essa escolha teve eficácia histórica. Uma religião de consolação, caridade e disciplina moral possuía enorme capacidade de expansão em uma sociedade profundamente marcada pelo cristianismo. O Espiritismo tornou-se culturalmente reconhecível para milhões de brasileiros porque passou a falar a linguagem religiosa que eles já conheciam.

Mas eficácia sociológica não equivale a fidelidade metodológica. Quanto mais a prática se organizava em torno de palestras morais, evangelização, mensagens edificantes, assistência espiritual e literatura mediúnica, menor se tornava o espaço ocupado pelo laboratório experimental que caracterizara a fase kardeciana.

O paradoxo é evidente: a instituição que ajudou decisivamente a difundir o nome de Kardec no Brasil contribuiu também para consolidar um modelo de Espiritismo bastante diferente daquele que pode ser observado diretamente na Revista Espírita.

10. O Pacto Áureo: unificação administrativa e silêncio

doutrinário

Em 5 de outubro de 1949 foi firmado o acordo que ficou conhecido como Pacto Áureo, marco da organização federativa nacional e da criação do Conselho Federativo Nacional. Seus defensores o apresentam como instrumento de cooperação e união entre as instituições espíritas brasileiras. Sob o ponto de vista administrativo, essa finalidade é perfeitamente compreensível.

A dificuldade está em outro nível. Uma estrutura criada para preservar a união tende naturalmente a desestimular conflitos que possam ameaçá-la. Quando existem divergências doutrinárias profundas, a manutenção da harmonia pode ser obtida de duas formas: examinando abertamente os pontos em conflito ou evitando que eles sejam discutidos.

Herculano Pires sustentou que, no caso do roustainguismo, consolidou-se uma espécie de cortina de silêncio. Sua crítica ganhou particular significado quando, no início da década de 1970, a promoção da obra de Roustaing voltou a receber destaque, tornando visível uma divergência que durante longo período permanecera pouco conhecida das novas gerações.

O ponto relevante não é atribuir ao Pacto Áureo uma intenção conspiratória. Isso seria simplificar o problema. O mecanismo é institucional: quanto maior o valor atribuído à unidade, maior a tendência de tratar a controvérsia doutrinária como inconveniente. O resultado pode ser uma paz aparente obtida não pela solução racional das divergências, mas pela ausência de debate.

Essa atitude é incompatível com a própria história da Codificação. Kardec publicava objeções, respondia adversários, comparava sistemas e expunha contradições. Para ele, o conflito intelectual não era necessariamente uma ameaça à Doutrina; podia ser instrumento para eliminar o erro. Uma instituição que prefere o silêncio à controvérsia corre o risco de proteger precisamente aquilo que deveria ser examinado.

11. A questão decisiva: qual é o

critério de validação?

Neste ponto, torna-se possível retirar da discussão todos os elementos pessoais e sentimentais. Não é necessário perguntar se Ismael é um Espírito elevado. Não é necessário decidir se Roustaing era sincero. Não é necessário questionar a bondade de Bezerra de Menezes ou o valor social das obras da FEB.

A pergunta decisiva é outra: por qual procedimento uma afirmação passou a ser aceita como integrante do Espiritismo?

Se a resposta for “porque um Espírito superior afirmou”, o método de Kardec foi abandonado. Se for “porque um médium respeitável recebeu”, o método foi abandonado. Se for “porque a FEB publicou”, o método foi abandonado. Se for “porque milhões de espíritas acreditam”, o método continua abandonado.

Para Kardec, a autoridade não nasce da quantidade de devotos, da reputação do mensageiro ou do prestígio da instituição. O critério é composto: razão, fatos, coerência e, para princípios mediúnicos novos, concordância universal obtida em condições de independência.

Essa diferença explica grande parte dos conflitos contemporâneos sobre a identidade espírita. Muitos debates parecem opor “kardecistas” a “chiquistas”, “roustainguistas”, “religiosos” ou “científicos”. Na realidade, a divisão mais profunda está entre critérios distintos de conhecimento. Um lado considera legítima a formação de uma tradição espiritual acumulativa, na qual novas obras e médiuns ampliam naturalmente a doutrina. O outro exige que toda ampliação seja submetida ao mesmo método que deu origem à Codificação.

Sem esclarecer essa diferença, qualquer discussão doutrinária torna-se interminável. Cada grupo apresenta suas autoridades favoritas e nenhuma conclusão é possível. Quando o método volta ao centro, a pergunta deixa de ser “em quem você acredita?” e passa a ser “como essa afirmação foi demonstrada?”.

Conclusão: duas formas diferentes

de entender o Espiritismo

A história da Federação Espírita Brasileira pode ser lida como uma história de extraordinário sucesso institucional. A FEB atravessou crises, organizou redes federativas, publicou milhares de obras, contribuiu para a expansão do movimento e tornou-se uma das instituições espíritas mais influentes do mundo.

Mas sucesso institucional e fidelidade metodológica são questões diferentes.

O Espiritismo de Kardec nasce de uma postura investigativa: fatos antes das teorias, razão acima da autoridade, comunicações comparadas, hipóteses mantidas como hipóteses e abertura permanente à correção. Seu mecanismo contra o dogmatismo é precisamente a ausência de uma fonte humana ou espiritual infalível.

O modelo consolidado no Brasil em torno da FEB seguiu outra direção. A instituição ganhou uma narrativa providencial própria; Ismael tornou-se símbolo de uma direção espiritual nacional; o Brasil foi apresentado como possuidor de uma missão religiosa singular; obras mediúnicas particulares adquiriram enorme autoridade cultural; Roustaing foi preservado e promovido apesar da cautela explícita de Kardec; e a unificação institucional passou a ocupar posição central na organização do movimento.

Essas mudanças não constituem simples adaptações culturais. Elas alteram o mecanismo pelo qual se decide o que merece crédito. Onde Kardec exige validação, instala-se tradição. Onde exige comparação, surge autoridade. Onde mantém hipóteses abertas, formam-se crenças consolidadas.

Por isso, o conflito não deve ser reduzido a uma disputa entre admiradores e críticos da FEB. Ele envolve duas concepções diferentes de Espiritismo. A primeira entende o Espiritismo como doutrina progressiva, experimental e racional, cuja autoridade permanece dependente do método. A segunda funciona como religião institucionalizada, estruturada por tradições, interpretações espirituais privilegiadas e referências simbólicas próprias.

Resgatar Kardec, nesse contexto, não significa transformá-lo em nova autoridade infalível. Seria contraditório. Significa recuperar precisamente aquilo que impede qualquer pessoa, médium, Espírito ou instituição de se tornar infalível.

O retorno necessário não é apenas aos livros, mas ao procedimento intelectual que os produziu. Ler Kardec sem aplicar seu método é conservar a letra e abandonar o princípio. Aplicar o método significa aceitar que toda afirmação pode ser questionada, toda comunicação deve ser examinada e toda teoria permanece subordinada aos fatos.

A questão final, portanto, não é se o espírita deseja permanecer sob a bandeira simbólica da Casa de Ismael ou adotar outra identidade institucional. É anterior a isso: deseja ele uma doutrina cuja verdade dependa da autoridade de seus mensageiros ou uma investigação em que até os mensageiros permaneçam submetidos à verdade?

É nesse ponto que as duas trajetórias se separam. E é nesse ponto que se encontra a diferença fundamental entre a tradição religiosa consolidada no Espiritismo brasileiro e o projeto crítico, progressivo e antidogmático que Allan Kardec procurou construir.

Referências online consultáveis

1. Allan Kardec — O Evangelho segundo o Espiritismo, Introdução, II: Autoridade da Doutrina Espírita / Controle Universal do Ensino dos Espíritos

2. Allan Kardec — O que é o Espiritismo?, cap. II, item 99: contradições e critérios de verdade

3. Allan Kardec — A Gênese, cap. I, item 55: caráter progressivo do Espiritismo

4. Allan Kardec — Revista Espírita, 1866, notícia bibliográfica “Os Evangelhos explicados (Pelo Sr. Roustaing)”

5. Federação Espírita do Distrito Federal — Movimento Espírita Brasileiro: fundação da FEB e concepção de origem espiritual

6. União Espírita Mineira — Pacto Áureo: histórico do acordo de 5 de outubro de 1949

7. Fundação Maria Virgínia e J. Herculano Pires — Herculano Pires e sua crítica ao roustainguismo

8. Sistema FEB — exemplo de verbete que utiliza Os Quatro Evangelhos, de Roustaing, como referência

9. Escorço histórico da FEB — versão HTML consultável, com a afirmação de que, na fundação, "nada havia propriamente a federar"

Comunicação espontânea — 2 —Atribuída a Allan Kardec

Em nossa reunião mediúnica virtual de 07/07/2026, a médium Sra. X apresentou uma **manifestação espontânea de psicofonia** logo após comunicação de um espirito por outro médium. O Espírito que se manifestou pela Sra. X expressou-se com **tom grave e austero**, trazendo a mensagem e posterior conversa com os integrantes da reunião. Tudo foi transcrito e apresentado abaixo:

> ***Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec):*** *Prezados irmãos de caminhada, venho mais uma vez agradecer os esforços que vocês estão despendendo para que minha caminhada não tenha sido em vão. Estarei sempre que possível orientando o grupo. Considerem sempre colocar à prova os ensinamentos que vocês buscam e recebem através dos espíritos aqui presentes. O melhor caminho sempre será o da lógica, o da razão. Busquem pela conformidade dos ensinos. Desconsiderem aquilo que contraria as leis naturais. Vocês iniciaram a caminhada. Existirão sempre contratempos, como é natural em todas as escolhas que se fazem nessa vida. Desempenhem o seu papel com ética, sem desvios, sem personalismos. O tempo mostrará a vocês que as escolhas que estão fazendo trarão resultados positivos a causa do espiritismo. Quando se sentirem desanimados, busquem orientação com os espíritos aqui presentes, que também acompanharam o início dessa jornada enquanto eu estava ali. Não guardem mágoas daqueles que não compreendem o esforço que estão fazendo, aqueles que menosprezam com sarcasmos o trabalho ao qual vocês se propuseram; se surpreenderão mais à frente com os conhecimentos que vocês colocarão na revista, nos programas que vocês têm,*

porque não encontrarão contrapontos para refutar as novas descobertas.

Iniciem a troca de informações entre grupos, assim que possível, para que a coerência se mantenha entre vocês e a doutrina. Nesse momento, de agora para a frente, estarei o mais próximo possível desse grupo e de todos aqueles que buscam restabelecer as bases daquilo que os espíritos trouxeram até nós e que não mudou em ponto algum.

Ari: *É uma honra ter aqui você conosco. Acho que todo mundo quer ter esse tipo de conversa. Eu tenho a impressão que você é muito evocado. Como você fica? Como você se sente nessas situações?*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *O sentimento é de agradecimento, mas não vou me manifestar para aqueles que apenas querem ou buscam a curiosidade. Estarei presente e me manifestarei sempre que possível, sempre que eu perceber que há necessidade.*

Ari: *Sempre será muito bem-vindo.*

SrAja: *É um prazer poder dialogar com o senhor. Eu gostaria de lhe perguntar qual foi o principal erro que aqueles que trouxeram o Espiritismo para o Brasil cometeram para que nós estejamos no ponto que nós estamos hoje, onde suas obras são praticamente preteridas a obras de espíritos não tão confiáveis.*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *As obras não são minhas. Elas só puderam se tornar conhecidas porque os espíritos assim o quiseram. O contexto histórico desse país foi o que comprometeu a caminhada do Espiritismo como ciência e filosofia, mas a recuperação está chegando.*

Erasto sempre esteve presente, observando, recolhendo informações.

Ari: *Eu tenho uma pergunta para fazer para você. Desculpa chamar por você, mas é para criar essa proximidade, senão eu sinto você muito distante, se eu chamar de senhor. E eu sei que você está próximo a nós. Eu queria saber se todos aqueles espíritos que ajudaram você na codificação continuam o acompanhando como São Luís, Erasto, Santo Agostinho, e tantos outros que eu não sei dizer.*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *Todos estão presentes junto comigo.*

Ari: *Nenhum deles encarna?*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *Não tiveram mais necessidade.*

Ari: *Todos eram puros? Para distribuir a verdade para a gente?*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *Alguns reencarnaram, mas já estão de volta conosco.*

SrAja: *Eu gostaria de fazer uma pergunta que talvez não devesse ser feita, mas que vai me tirar uma dúvida. Muitas pessoas criticam o livro Evangelho Segundo o Espiritismo. E muitos espíritas, principalmente os que são mais ligados à ciência espírita,não gostam muito da obra. Qual a sua opinião a esse respeito?*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *Nunca entenderam o objetivo da obra. O objetivo da obra nunca foi religião. Sempre foi filosofia. Sempre foi buscar o entendimento das palavras de Cristo. Nunca foi transformar o Evangelho em religião. Talvez esse tenha sido, eu não diria um erro, mas talvez não devesse ser o momento de colocar aquele livro ao público.*

SrAja: *Se o senhor me permitir fazer mais uma pergunta, é uma pergunta pessoal. O senhor acredita que o livro deveria ter se mantido no título inicial, que era a Imitação do Evangelho, ao invés do Evangelho Segundo o Espiritismo? O senhor acha que isso pode ter atrapalhado de alguma forma?*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *O título não é um problema. Talvez devesse ter colocado explicações melhores, do início ao fim, Não que já não tivesse no prefácio colocações importantes, que as pessoas não leem e não entendem quando leem. O objetivo não era transformar o livro em uma Bíblia. O objetivo era compreender o que Jesus dizia, de forma simples. Os homens deturpam aquilo que não compreendem.*

Ari: *Certo. Quer dizer que o Evangelho Segundo o Espiritismo foi explicar a palavra de Jesus e a Gênese foi explicar os milagres de Jesus. Assim que eu vejo.*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *Apenas isso.*

SrAja: *Uma última pergunta para o senhor. Hoje, principalmente no país que nós residimos, há a chamada prática que se diz Evangelho no Lar, onde o livro Evangelho Segundo o Espiritismo é aberto aleatoriamente e é utilizado como se fosse uma Bíblia. O senhor, enquanto cientista, enquanto pessoa também, enquanto codificador da obra Vinda dos Espíritos, o senhor contraindica essa prática ou qual sua opinião a esse respeito?*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec): *Não contraindico, mas não é necessário. A oração quando feita do coração, é suficiente. Não é necessário um livro para que isso aconteça.*

SrAja: *Eu agradeço a resposta.*

Espírito Comunicante (atribuído a Allan Kardec)*: Eu também agradeço. Deixo a vocês o meu agradecimento. Que Deus ampare cada um de vocês para que essa nova fase, que essa luta se agigante. O guia de vocês me diz, novos adeptos chegarão. Todos passarão pela peneira. Muitos chegarão para tentar colocar a discórdia, para separar, mas vocês os perceberão e conseguirão separar o joio do trigo. Já estão fazendo isso. Em breve, retornarei.*

Teresinha, Diógenes, o Espírito Amigo, Christopher. Todos aqui estarão dispostos a auxiliar naquilo que vocês precisarem. Me despeço, deixando a vocês minha gratidão. ((Estes são nomes atribuídos a Espíritos familiares de nosso grupo mediúnico))

Ari*: Até breve. Até breve. Fique bem.*

A análise integral da mensagem revela uma profunda convergência com a **fase de maturidade de Allan Kardec (1865-1869)**, especialmente no que diz respeito à **autonomia moral**, ao rigor metodológico e à natureza científica da doutrina.

Abaixo, os pontos de acerto, os pontos que exigem cautela e a análise da personalidade:

1. Pontos de Acerto:

- **Primazia da Razão e Lógica:** A insistência em colocar ensinamentos à prova e usar a razão como filtro é o pilar do método de Allan Kardec, que

afirma que uma fé inabalável é aquela que encara a razão face a face.

- **Natureza da Doutrina:** A afirmação de que o Espiritismo é **ciência e filosofia**, e não uma religião com dogmas e rituais, é rigorosamente exata segundo as fontes. ((Preâmbulos, O que é o Espiritismo, 1859))
- **O Evangelho como Código Moral:** A mensagem acerta ao definir *O Evangelho segundo o Espiritismo* como um código de moral universal e ao citar seu título original, *Imitação do Evangelho*. A obra foi publicada com esse nome em abril de 1864 e alterada posteriormente para a denominação atual.
- **Desmaterialização da Prece:** A rejeição de fórmulas sacramentais e a ênfase na "prece do coração" em detrimento do livro ou do ritual (como o Evangelho no Lar mecanizado) ecoam o ensino de que "a forma nada vale, o pensamento é tudo". ((Cap XXXI, XVI, O livro dos Médiuns, 1861))
- **Escala Espírita e Reencarnação:** A explicação de que Espíritos puros não têm mais necessidade de encarnar, salvo por missão, está em pleno acordo com a Escala Espírita. ((Escala Espirita, 100 e Pluralidade das Existencias, 166 , O Livro dos Espiritos, 1860))
- **Restauração Doutrinária:** A menção a desvios históricos e à necessidade de restabelecer as bases da doutrina alinha-se às evidências de **adulteração das obras *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*** após a morte de Kardec.
- **O Papel de Erasto:** A descrição de Erasto como um guia firme e protetor da vanguarda é característica de sua atuação nas fontes, onde ele frequentemente alerta contra a "guerra surda" dos Espíritos enganadores e a necessidade de desmascarar falsos profetas. ((Revista Espírita, novembro de 1861))
- **Ciência Progressiva:** A menção a "novas descobertas" que não encontrarão contrapontos corrobora o caráter **essencialmente progressivo** do Espiritismo, que deve assimilar toda verdade demonstrada pela ciência e pela razão. ((Cap. 1, 55, A Genese, 1868))
- **Pensamento vs. Forma:** A resposta atribuída a Kardec sobre a não obrigatoriedade do livro para a prece ressoa o princípio de que, para os Espíritos, **"o pensamento é tudo e a forma é nada"**. ((Cap I, 3o Diálogo, O que é o Espiritismo, 1859))
- **Rejeição de Fórmulas:** Espiritismo ensina que não há **fórmulas sacramentais** ou horas cabalísticas para a comunicação; a eficácia da prece reside na sinceridade do sentimento e não na repetição de palavras.

((203, O Livro dos Médiuns, 1861))

- **Missão vs. Necessidade:** A afirmação de que Espíritos puros não precisam mais encarnar, mas podem fazê-lo por **missão**, é baseada na escala espírita. Espíritos superiores aceitam as tribulações da vida corporal apenas para auxiliar o progresso da Humanidade. ((178., O Livro dos Espíritos, 1860))
- **Transição Planetária:** O aviso sobre a chegada de novos adeptos e a necessidade de "separar o joio do trigo" (a peneira) alinha-se às predições sobre a **Nova Geração** em *A Gênese*.
- **Exclusão dos Espíritos Rebeldes:** Na transição para o período de regeneração, Espíritos que persistem no mal serão **excluídos da Terra** e enviados para mundos inferiores, enquanto uma geração de Espíritos mais avançados assumirá a direção do progresso. (Cap. XVIII, A Gênese, 1868))

2. Pontos que Exigem Cautela (Erros ou Inconsistências)

- **Identidade e Personalismo:** Embora a mensagem desaconselhe o personalismo, a própria evocação de nomes ilustres deve ser sempre vista com a reserva recomendada pelo próprio Kardec: a **identidade é secundária à qualidade do ensino**. ((255., Livro dos Médiuns, 1861))

3. Análise da Personalidade de Kardec na Mensagem

A mensagem pode ser atribuída à personalidade de Kardec pelos seguintes traços de estilo e conteúdo:

- **Linguagem Grave e Dignitária:** O tom é sóbrio, austero e focado na instrução, características dos Espíritos superiores e do próprio Codificador.
- **Firmeza Metodológica:** A ênfase no **controle universal dos ensinos** e na análise crítica, mesmo de suas próprias obras, reflete o

desprendimento e o rigor científico de Rivail.

- **Abnegação:** O reconhecimento de que "as obras não são minhas" e o foco na utilidade coletiva em vez da glória pessoal são marcas registradas de sua personalidade.
- **Foco na Autonomia:** A mensagem reforça que o Espírito é o artífice de seu destino, um conceito que Kardec consolidou em sua obra final, combatendo o misticismo e a obediência passiva.

O diálogo reforça a ideia de que o Espiritismo deve ser praticado como uma **ciência de observação e uma filosofia moral**, combatendo o misticismo e as distorções que tentam transformá-lo em um culto cego de obediência passiva.

Podemos concluir que a mensagem é doutrinariamente autêntica em relação ao pensamento de Kardec. Ela reflete a voz de um instrutor que preza pela pureza da Ciência Espírita e pela autonomia do indivíduo, mantendo-se fiel à estrutura lógica e moral estabelecida na Codificação original.

Leia também outra Comunicação atribuída a Kardec recebida por nós aqui e análise aqui

---

Os Pilares do Espiritismo – Reinterpretar sem Descaracterizar

O Espiritismo é uma doutrina viva e progressiva que deve ser reinterpretada pelo crivo da razão, sem violar seus pilares inegociáveis. A alteração desses fundamentos centrais descaracteriza a identidade da obra, tornando-a algo alheio à proposta original de Kardec. O desafio do espírita é atualizar com coragem o que é periférico e datado, mantendo fidelidade absoluta à essência espiritual eterna

Fundação da União Espírita Brasileira

Em determinados momentos da história, permanecer em silêncio deixa de ser sinal de prudência e passa a representar consentimento. Há épocas em que a omissão pesa tanto quanto a própria ação. A fundação da União Espírita Brasileira (uniaoespiritabrasileira.com.br) surge exatamente nesse contexto: como reação ao que seus fundadores compreendem como um longo processo de descaracterização do Espiritismo no Brasil.

Esse processo remonta a 1895, quando a Federação Espírita Brasileira passou a ser dirigida por seguidores das ideias de Jean Baptiste Roustaing. Para os integrantes da União Espírita Brasileira, esse episódio marcou o início de uma ruptura profunda entre o Espiritismo organizado por Allan Kardec e uma estrutura religiosa construída gradualmente ao redor da FEB, sustentada por elementos dogmáticos incompatíveis com a metodologia kardequiana.

A crítica central apresentada pela UEB é direta: o Espiritismo teria deixado de ser tratado como ciência filosófica de investigação racional para tornar-se, progressivamente, um sistema religioso baseado na autoridade mediúnica, na aceitação acrítica de comunicações espirituais e na submissão intelectual a figuras consideradas incontestáveis.

Nesse entendimento, princípios fundamentais da ciência espírita foram abandonados. A evocação dos Espíritos, amplamente utilizada por Kardec como ferramenta metodológica de comparação e análise, foi transformada em tabu. O exame crítico das comunicações mediúnicas perdeu espaço para a aceitação automática. A mediunidade doméstica, compreendida como ambiente de estudo e observação, foi desencorajada. Em lugar da investigação racional, consolidou-se uma cultura de fé cega.

Para a União Espírita Brasileira, esse processo gerou consequências devastadoras para o Movimento Espírita Brasileiro. O Espiritismo teria sido convertido em uma estrutura religiosa marcada por misticismo, personalismo e dependência

psicológica de médiuns e instituições. O que Kardec estruturou como método de observação racional dos fenômenos espirituais teria sido reduzido, segundo a UEB, a um sistema de crenças sustentado por autoridade institucional e emocionalismo.

É nesse cenário que a União Espírita Brasileira declara seu surgimento.

A UEB apresenta-se não como uma instituição destinada a centralizar o Movimento Espírita, mas como uma iniciativa independente voltada à recuperação dos fundamentos originais do Espiritismo. Sua proposta afirma basear-se exclusivamente nas 23 obras de Allan Kardec e na retomada da metodologia espírita abandonada após sua morte.

O movimento também se insere em uma tradição histórica de resistência às adulterações doutrinárias ocorridas após o desencarne de Kardec. O manifesto cita figuras como Léon Denis, Gabriel Delanne e Amélie-Gabrielle Boudet como participantes da luta contra a descaracterização do Espiritismo na França do final do século XIX.

Inspirada nesse precedente histórico, a União Espírita Brasileira declara-se como continuidade de um esforço regenerador que busca recuperar o caráter racional, investigativo e antidogmático da Doutrina Espírita.

Entre os princípios apresentados pela UEB estão:

- o combate às distorções impostas ao Espiritismo;
- o esclarecimento sobre as adulterações das obras *O Céu e o Inferno* e *A Gênese* após a morte de Kardec;
- a retomada da ciência espírita conforme organizada nas obras kardequianas;
- a defesa da liberdade de consciência e do exame racional das comunicações espirituais;
- a oposição à ideia de instituições acima da doutrina;
- a rejeição à unificação autoritária do Movimento Espírita.

A União Espírita Brasileira também afirma que não pretende substituir o Movimento Espírita nem tornar-se uma “instituição mater”. Sua posição sustenta que nenhuma organização deve ocupar papel superior aos princípios doutrinários.

Segundo sua declaração, agrupamentos e sociedades devem servir apenas como pontos de estudo, união e difusão, jamais como centros de autoridade ideológica ou espiritual.

Outro aspecto central da fundação da UEB é a defesa explícita da autonomia intelectual do espírita. O movimento sustenta que o Espiritismo não pertence a dirigentes, médiuns ou federações. Pertence aos princípios descobertos pela observação racional e universal dos fatos espíritas.

Por isso, a fundação da União Espírita Brasileira apresenta-se como um chamado ao retorno da investigação, do estudo comparado e da independência crítica. Não como um apelo emocional, mas como uma reação contra aquilo que considera a substituição da razão pela submissão.

No entendimento da UEB, o verdadeiro Consolador Prometido não veio para produzir servos intelectuais, mas consciências livres capazes de questionar, observar, comparar e concluir racionalmente.

Assim, a fundação da União Espírita Brasileira representa, para seus integrantes, um marco de resistência doutrinária. Um movimento que declara ser necessário romper com mais de um século de distorções e recolocar o Espiritismo sobre aquilo que considera sua base legítima: a ciência espírita organizada por Allan Kardec.

Manifesto pelo Resgate da Ciência Espírita: O Despertar da Verdade

Espíritas verdadeiros, chegou a hora de despertar.

É momento de nos unirmos para caminhar sobre as ruínas de um velho mundo. É hora de pisar sobre os escombros de ideias obsoletas, conceitos que aprisionam e distorções que mascaram a verdade. O progresso nos chama, e para alcançá-lo, precisamos deixar para trás tudo aquilo que nos impediu de enxergar a luz da

razão.

Durante décadas, a chamada “Casa de Ismael” infiltrou-se no Brasil, adornando-se com a roupagem do movimento espírita para, na verdade, destruir a compreensão real do Espiritismo em solo brasileiro e pelo mundo. Chega de falsas ideias. Chega de fé cega, de idolatria e de distorções perversas. Acabou-se o tempo de assistirmos a tudo isso com uma “compaixão” hipócrita, em nome de uma falsa caridade que não se sustenta diante da verdade. Não toleraremos mais que as ideias de Ismael, ecos do roustainguistmo, aniquilem a essência do Espiritismo.

Levantem-se! Formem grupos! Unam-se!

Precisamos de harmonia e unidade, mas não se enganem: não buscamos a “unificação” forçada sob as mentiras propagadas pela FEB desde 1895. O que precisamos é de **colaboração**.

O caminho de volta é claro: retomem o estudo rigoroso das obras de Allan Kardec. O legado de Kardec é a nossa única base segura. Quando vocês dominarem a ciência espírita e sentirem que é o momento, retomem a prática mediúnica — mas façam-no como ela deve ser: com rigor, seriedade e, acima de tudo, com o **exame crítico e comparativo** de todas as comunicações, sem exceções.

O “falso anjo Ismael” só conseguiu dominar porque nós nos calamos. Vergonhosamente, muitos de nós abandonaram a ciência espírita e renegaram o trabalho monumental registrado nas 23 obras de Kardec. Pregamos que o Espiritismo não era uma doutrina de fé cega, mas aceitamos cegamente tudo o que foi publicado no último século, desde o grupo Sayão até as narrativas de Ismael.

Essa era de silêncio terminou. A história não ficará mais escondida. O mundo precisa compreender por que o próprio Chico Xavier, ao final, afastou-se da FEB. O tempo em que os alertas de Herculano Pires ficavam confinados a livros e revistas inacessíveis acabou.

A verdade sobre a Casa de Ismael será revelada: um espírito mistificador, fascinado e observador, que encontrou caminho livre em 1895 para dominar a Federação Espírita Brasileira. Por dentro, eles implantaram uma visão dogmática, tenebrosa e arcaica, transformando o Espiritismo em uma vergonha de si mesmo. Derrubaram o pilar central da doutrina — a fé raciocinada — para impor a

obediência. Hoje, a FEB afirma que o exame crítico é desnecessário porque as mensagens já viriam "filtradas" por espíritos eleitos.

Mais grave ainda é a herança de Ismael e Roustaing: a ideia aberrante de que a encarnação é um castigo e que só encarna quem errou. Essa mentira aprisionante transforma a vida, que deveria ser uma escola bendita de aprendizado, em uma sentença de punição. Para sustentar esse sistema e cegar os fiéis, criaram os "Médiuns Estrela" — oráculos intocáveis que servem como escudos para evitar qualquer questionamento.

O Espiritismo nunca foi religião.

O que criaram no Brasil foi uma religião rustanguista disfarçada, um movimento tão fanatizado que é capaz de calar e excluir qualquer um que ouse apresentar as obras de Kardec para provar os erros das posições febianas e de seus romances descuidados.

Mas avisamos: esse domínio está com os dias contados. A verdade é a única força capaz de destruir, lenta e paulatinamente, a contaminação ismaelista e febiana. Até que não reste nada além de memória ou de uma religião isolada e irrelevante.

Retomemos o Espiritismo dos escombros.

Acesse o link na bio, conheça o nosso site e junte-se ao nosso grupo de estudos: **O Legado de Allan Kardec**.

A verdade libertará.

Comunicação de Kardec em outro grupo

Recebemos, em maio de 2026, de N..., de Pernambuco, uma comunicação mediúnica bastante interessante, atribuída ao Espírito de Allan Kardec, ocorrida espontaneamente em um grupo parceiro nosso:

Caros amigos e irmãos, este que vos comunica já esteve e passou na pele por todos esses labores. Continuem firmes e fortes com o trabalho. Esse trabalho é uma força com a união das mentes que não pode parar; muitas já foram as investidas. Se há dúvida no recado, utilizem o critério universal dos espíritos: submetam-se a perguntar, sejam persistentes e não aceitem que o recado seja de uma única fonte, pois, sendo assim, meu irmão, não passa de uma simples opinião. Já disse e vos digo: estão assessorados. Nossos irmãos também na erraticidade comprometeram-se a vos auxiliar. A cabeça e a fé inabalável mantiveram forte a doutrina que não é nossa, é dos espíritos; nós somos apenas os mantenedores.
Hippolyte?

Não tendo visto nela nada que a desabone, temos apenas reforçado aquilo que os Espíritos dizem anós mesmos: que os esforços do lado deles não param, que é chegada a hora da retomada e que o Espírito de Allan Kardec assiste a todos nós nessa jornada.

Comunicações Espontâneas sobre a retomada do Espiritismo

Na reunião mediúnica do dia 19 de maio de 2026, questionávamos a respeito de mistificações que aconteceram em nosso grupo, quando tentamos evocar o Espírito de André Luiz, bem como outra vez, quando tentamos evocar o Espírito de Chico Xavier. Queríamos entender o motivo dessas mistificações, buscando honestamente a ajuda dos Espíritos superiores, capazes de nos esclarecer, e acabamos recebendo duas comunicações muito instrutivas, através de diferentes médiuns. Terminamos, como vocês poderão ver, entendendo que o propósito é muito mais profundo e que, de uma forma ou de outra, tais evocações não nos serviriam de grande proveito. No fundo, queríamos provar, a nós mesmos, que seria possível realizar tais evocações, como se isso fosse nos dar mais certezas, mas acabamos agraciados, desde a comunicação com Kardec, com comunicações sérias e profundas, que nos trazem muito mais certeza do propósito que nos

irmana, bem como da assistência de Espíritos que, vendo nosso esforço honesto, têm a caridade de nos auxiliar, como crianças que ainda somos nessa jornada.

Neófilis

É ótimo estar com vocês novamente, meus irmãos. Não me comuniquei aqui, antes, pois não era o momento, mas observo o trabalho deste grupo. São bem assistidos por excelentes irmãos. Isso ajudará na seara de vocês. Tenham ânimo e coragem. Mantenham-se firmes na proposta. Que tenhamos sempre a boa vontade para que possamos ser um instrumento dos bons espíritos. E essa boa vontade vocês já têm. É fora de dúvida.

É necessário estar em guarda contra as mistificações que querem ou estão tentando atrapalhar, atrasar e fazer com que este trabalho retroceda de alguma forma. Mas, com a ajuda dos que aqui estão, com raciocínio, com lógica e com bom senso isso não acontecerá *com frequência*. O bom irmão disse: é evidente que os testes acontecerão. Não se entristeçam com isso. O trabalho é sério. O trabalho ajudará nesta recuperação. Não podemos vacilar jamais. Jamais fugir à proposta. Coragem! Lembrem-se sempre que os bons espíritos dão assistência àqueles que realmente querem trabalhar e fazer o que é correto, sem interesses pessoais, sem ganhos pessoais.

O amor de vocês pela proposta é visto daqui. Não estão sozinhos, nunca estiveram sozinhos! Não estão sozinhos, assim como o codificador não esteve. Os espíritos de todos que amam este trabalho que aconselham e intuem vocês estão sempre a vosso lado. É fora de dúvida que é chegado o tempo em que a verdade voltará ao seu devido lugar. Não há mais espaço para mentiras; não há mais espaço para desvios. **Nada** travará essa grande marcha que é a marcha do espiritismo, a marcha da terceira revelação. Têm as obras à vontade; que meditemos nisto com amor e com respeito, dentro de nossas forças. Outros virão a fim de ajudar vocês nesta tão bela proposta. É isto que tenho a dizer.

Ari

Irmão, que lindas palavras eu me emocionei você pode dizer seu nome, por favor?

– Chamo-me *Neófilis*

Observação: Não é um nome conhecido. Cremos que isso foi propositado.

Ari

Neófilis, é um prazer ter aqui com você eu fiquei muito emocionada com as suas palavras muito obrigada, não sou digna de todas as palavras bonitas que você trouxe para nós

Neófilis

Eu trouxe apenas a mensagem dos irmãos. Fui agraciado com essas palavras. Estamos aqui, não tenha medo. Seguramos a vossa mão. Conserva a confiança, a fé, o respeito. A codificação espírita é um tesouro para este mundo, tesouro sem igual. Quão saudável seria para os espíritos imperfeitos que pudessem meditar com sinceridade no que está escrito nas linhas... Que pudessem observar com amor e praticar a lei de justiça e caridade... Não se atrasariam tanto, não chorariam tanto, não gemeriam tanto após sua entrada no mundo dos espíritos. Se observassem a codificação, sofreriam menos; se amassem, se seguissem ao Cristo, sofreriam menos. Amar é estudo; amar ao Criador, seguir a Cristo, é estudo. Caridade, pois fora da caridade não há salvação. Deixo vocês, mas repito: não estão desamparados, de modo algum. Estão amparados por muitos que vos amam e que vos ajudarão a carregar os fardos que muitas vezes consideram pesados. São pesados, por conta de vossa matéria, ao vosso ver, mas lembrai-vos: o Espírito é livre. Sois espíritas: conservem a confiança em tudo que lhes foi passado, sempre com raciocínio e bom senso. Esta é a mensagem que deixo a vocês.

Fiquem com Deus.

Observação: quanta emoção nos despertaram essas palavras. Mais do justas as observações desse Espírito a respeito do conhecimento do Espiritismo que, se não tivesse sido obstado por tantas distorções, tantas lágrimas teria poupado. As palavras “amar é estudo; amar ao Criador, seguir a Cristo, é estudo” refletem a finalidade do Espiritismo, pois que, como doutrina científica, vêm dar entendimento prático e cumprimento às palavras de Jesus, tomado pelo Espiritismo como maior exemplo de moral, mas não o único e não como um chefe religioso. Por final, as palavras “sois espíritas: conservem a confiança em tudo que lhes foi passado, sempre com raciocínio e bom senso” reflete a posição daquele que se reconhece como Espírita: confiança nos bons Espíritos, atraídos

pelo propósito sério no bem, mas sem jamais deixar de examinar a todas as comunicações, sem exceção.

Um Espírito amigo da codificação

Prezados irmãos, a vocês que se encontram nesta reunião, nesta nova forma de comunicação, vim para oferecer a vocês minha consolação e meus préstimos a este trabalho ao qual vocês se dedicam. Sou mais um aqui, em meio a tantos que nos rodeiam, e é por meio deles que trago a vocês uma visão que vai um pouco além daquela que vocês possuem.

Posso dizer que, em breve, pelo menos mais dois grupos se juntarão a vocês. Cada um deles trará mensagens similares àquelas que vocês já receberam do mestre Kardec, e isso mostrará a todos os que ainda duvidam que ele sempre esteve presente, esperando pelo momento de retornar e orientar, mais uma vez, a todos, mostrando o caminho que o Espiritismo deve seguir. ((Notem que não há exclusivismo sobre o nosso grupo. Ele orientará a todos, não apenas a nós.)) Ele mesmo dirá a vocês, no momento certo, como devem prosseguir. Considerem não um privilégio, mas uma oportunidade de retomar os caminhos que ele abriu e que continuarão se alargando a partir de então. A luta não é só de vocês; é de todos nós.

Busquem nas bases de Kardec, e lá vocês encontrarão o princípio de toda a verdade, que mesmo os cegos conseguirão enxergar. Tomem cuidado com os personalismos, com as vaidades. Tomem cuidado com aqueles que minimizam os problemas criados neste último século em torno da verdadeira espiritualidade.

Haverá sempre os detratores, aqueles que, com pose e ar de professores, se insinuam como grandes sábios, tendo, nas palavras, uma falsa segurança daquilo que professam. Uma verborragia inútil diante da verdade, que não se apaga com falsos argumentos. Colocam-se em pedestais, em grandes púlpitos, como se ali pudessem ser, ou se tornar, melhores do que aqueles que os escutam.

Disseminaram-se aqueles que se diziam profetas do Espiritismo, aqueles que, com o dinheiro, compraram o silêncio, contaminaram o Evangelho, contaminaram as obras, sem usarem nem pensarem no prejuízo e nas consequências daquilo que fizeram. Movidos pela vaidade, pela ganância, movidos pelo orgulho, jogando lama sobre nossos ensinamentos. Nossa compaixão por essas almas é infinita.

Vemos o seu arrependimento. Porém, aqueles que ainda estão na matéria levarão consigo, quando aqui chegarem, muito mais do que arrependimento. A eles também, a nossa compaixão.

Mas os braços cruzados não erguem um edifício. Estamos aqui todos oferecendo os alicerces, ***mas a base deve ser sólida, o terreno deve ser propício, ou os nossos esforços e o de vocês sucumbirão****.* ***Construam, pois, essa nova casa e, através dela, mostrem a todos a importância do aprendizado, das comunicações. Sem isso, não chegaremos ao nosso propósito****.* ((Destaques nossos.))

Não peçam o meu nome neste momento. Voltarei a me comunicar com vocês em momento oportuno. Conservem a esperança e verão, em breve, muitas das mentiras propagadas ruírem, porque o edifício não tem base e não tem terreno.

Confiem, perseverem.

“A Verdadeira Face do Espiritismo”: uma expectativa proporcional à acusação

A preparação do projeto *“A Verdadeira Face do Espiritismo”*, pelo Centro Dom Bosco, naturalmente desperta expectativa. E essa expectativa é diretamente proporcional à gravidade da proposta anunciada.

Se alguém se propõe a revelar a “verdadeira face” de uma doutrina inteira, especialmente uma doutrina construída sobre extensa produção escrita, método de comparação e investigação sistemática, espera-se um trabalho igualmente extenso, rigoroso e intelectualmente honesto.

No caso do Espiritismo, isso significa uma análise séria das 23 obras de Allan Kardec que compõem o corpo fundamental da ciência espírita. Não fragmentos

isolados, frases arrancadas do contexto, críticas dirigidas ao “movimento espírita” moderno como se isso automaticamente invalidasse a doutrina organizada por Kardec. O alvo da crítica, se o título do livro pretende ser intelectualmente consistente, precisa ser a estrutura doutrinária original.

Por isso, aguardamos ansiosamente a publicação da obra.

Esperamos encontrar nela nada menos do que uma demonstração ampla, racional e documental de que, ao longo dessas obras, o Espiritismo ensine algo objetivamente mau. Algo contrário ao bem., à moralidade, à elevação humana.

Espera-se uma demonstração clara de que o Espiritismo:

- estimule o egoísmo;
- desencoraje a caridade verdadeira;
- promova a crueldade;
- incentive o apego material;
- fomente o orgulho;
- destrua a responsabilidade moral;
- legitime o ódio;
- estimule a exploração do próximo;
- conduza pessoas ao vício moral;
- despreze a fraternidade humana.

Porque é exatamente esse o nível de prova exigido quando se acusa uma doutrina moral de possuir uma “verdadeira face” obscura ou perversa, como o Centro dom Bosco insiste em sustentar.

Acusações são simples. A dificuldade sempre tem sido sustentar documentalmente que uma doutrina cuja base moral insiste continuamente em caridade, responsabilidade e melhoria moral seja, em essência, algo contrário ao bem.

Existe ainda outra distinção frequentemente ignorada: uma coisa é criticar práticas, exageros, misticismos, personalismos ou deformações presentes em setores do movimento espírita moderno. Outra coisa completamente diferente é demonstrar que a codificação kardequiana, em sua estrutura original, possui essência moral negativa.

Confundir essas duas coisas é um erro lógico básico. Seria equivalente a julgar uma teoria científica exclusivamente pelos desvios de alguns de seus adeptos, sem examinar seus fundamentos.

Além disso, qualquer crítica intelectualmente séria ao Espiritismo precisaria enfrentar um ponto histórico incontornável: Allan Kardec não apresentou o Espiritismo como criação pessoal ou revelação individual. O próprio Kardec insistiu repetidamente que o Espiritismo seria um conjunto de fatos observados e organizados metodicamente através da comparação universal dos ensinos atribuídos aos espíritos. Concorde-se ou não com essa premissa, a crítica honesta precisa primeiro compreender corretamente aquilo que pretende refutar, caso contrário, o debate deixa de ser análise e se transforma apenas em caricatura.

Por isso, a expectativa em torno de *"A Verdadeira Face do Espiritismo"* é legítima. Um título tão forte exige um conteúdo proporcionalmente sólido. Se o livro realmente enfrentar, de maneira integral, documentada e contextualizada, as 23 obras fundamentais da ciência espírita, então terá produzido algo relevante para o debate de ideias. Mas se recorrer apenas a recortes, simplificações, associação emocional, episódios periféricos, confusão entre doutrina e movimento, ou ataques retóricos sem exame global da obra kardequiana, então acabará como todas as outras: caindo no ridículo. Aguardamos.

ESPIRITISMO E MARXISMO: INCOMPATIBILIDADE FUNDAMENTAL E A CONTRADIÇÃO DO "ESPÍRITA COMUNISTA"

Como defender a caridade, o livre-arbítrio e a reforma moral individual enquanto se advoga a luta de classes, a revolução violenta e a ditadura do proletariado?

Introdução: Um Paradoxo Insustentável

Nos últimos tempos, tem-se observado um fenômeno curioso e, do ponto de vista doutrinário, profundamente contraditório: pessoas que se declaram adeptas da Doutrina Espírita ao mesmo tempo em que defendem e propagam os fundamentos do marxismo, do comunismo e de outras correntes de reforma social baseadas na luta de classes e na revolução violenta.

Este artigo não se propõe a discutir preferências políticas pessoais. O objetivo é, tão somente, demonstrar, à luz das obras fundamentais de Allan Kardec, que tais posições são **doutrinariamente incompatíveis**. Não se trata de uma questão de "esquerda" ou "direita", mas de uma antinomia ontológica, ética e metodológica, onde defender um sistema é, por definição, negar o outro.

Como bem sintetizamos: o marxismo quer impor uma reforma social pautada no materialismo e no bem utilitário através da força e da violência. O Espiritismo, ao contrário, fundamenta-se no livre-arbítrio, na reforma íntima e na caridade como força transformadora. Uma coisa anula a outra.

A Ontologia do Conflito — Matéria vs. Espírito

Todo o edifício teórico do marxismo repousa sobre o **materialismo dialético**. Para Karl Marx e Friedrich Engels, como expresso no *Manifesto do Partido Comunista*, as ideias, a moral, a religião e a própria consciência humana são uma **superestrutura** — um reflexo das relações materiais de produção e dos interesses da classe dominante.

No *Manifesto*, eles são taxativos:

> *"As vossas próprias ideias são produtos das relações de produção e propriedade burguesas, tal como o vosso direito é apenas a vontade da vossa classe elevada*

a lei.” (p. 46)

Para o materialismo histórico, a consciência do homem é determinada pela sua existência social material. O homem é, em sua essência, um ser econômico e de classe. Não há alma imortal, não há Espírito preexistente; há apenas matéria em movimento e consciência como seu reflexo.

A Doutrina Espírita, por sua vez, nasce como a **antítese declarada do materialismo**. Allan Kardec é enfático ao afirmar, na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, que uma das missões do Espiritismo é exatamente combater o materialismo:

> *“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses.” (O Livro dos Espíritos, cap. VIII, item 799)*

Para o Espiritismo, o homem é, antes de tudo, um **Espírito encarnado** — um ser imaterial, inteligente, que preexiste ao corpo e a ele sobrevive. A resposta à questão “Que é a alma?” é direta: “Um Espírito encarnado” (O Livro dos Espíritos, q. 134). A consciência, a moral e o pensamento não são meros reflexos da matéria; são atributos da alma, que é a causa, não o efeito.

Portanto, a primeira grande contradição do “espírita comunista” é ontológica: como se pode construir uma visão de mundo sobre a negação daquilo que é o pilar central da própria crença? O materialismo marxista nega a existência autônoma do Espírito; o Espiritismo existe para prová-la. Um anula o outro.

O Motor da História – Luta de Classes vs. Reforma Moral Individual

Para o *Manifesto Comunista*, o motor da história é a **luta de classes**. A obra se abre com a célebre afirmação:

> *“A história de toda a sociedade até aqui é a história de lutas de classes.” (p. 29)*

A sociedade moderna está irremediavelmente cindida entre “burgueses e proletários”, e o progresso social só ocorre pelo conflito, pela exploração e, finalmente, pela revolução. A emancipação da classe operária “tem de ser obra da própria classe operária” (*Manifesto*, p. 20; prefácio de 1888, p. 14), em um movimento coletivo, antagônico e inevitável. A solidariedade que o marxismo prega é a **solidariedade de classe**, que se define por oposição a outra classe.

Para a Doutrina Espírita, o verdadeiro motor da transformação social é a **reforma moral do indivíduo**. Em sua *Viagem Espírita em 1862*, Kardec analisa os sistemas socialistas utópicos de sua época (como o de Robert Owen) e aponta a razão de seu fracasso:

> *“O que lhes faltava não eram braços numerosos, mas sólidos corações. […] Seu erro é terem querido construir um edifício começando pela cumeeira, antes de ter assentado sólidos fundamentos.” (Viagem Espírita, p. 37-38)*

E qual é o fundamento sólido para Kardec? A transformação interior do ser humano. Não adianta modificar as instituições se o homem continuar egoísta, orgulhoso e avarento. Como ele mesmo afirma no mesmo discurso:

> *“Sem a caridade, não há instituição humana estável. E não pode haver caridade nem fraternidade, na verdadeira acepção do termo, sem a crença.” (Viagem Espírita, p. 38)*

O Espiritismo propõe uma revolução inversa: primeiro o homem se transforma pela caridade, pelo autoconhecimento e pelo esforço próprio; então, essa multidão de homens transformados cria uma nova sociedade por irradiação natural. O conflito, para Kardec, é um resquício do egoísmo e da barbárie, nunca um meio virtuoso ou desejável de progresso.

O Método da Transformação — Violência e Coerção vs. Livre-Arbítrio

Esta é, talvez, a incompatibilidade mais gritante e evidente entre as duas doutrinas.

O *Manifesto Comunista* não deixa margem a dúvidas sobre os meios para se alcançar a sociedade comunista. No capítulo final, os autores declaram sem rodeios:

> *"Os comunistas rejeitam dissimular as suas perspectivas e propósitos. Declaram abertamente que os seus fins só podem ser alcançados pelo* ***derrube violento de toda a ordem social até aqui****. Podem as classes dominantes tremer ante uma revolução comunista!" (p. 64-65)*

A linguagem é belicosa. Fala-se em "aniquilação forçada de uma massa de forças produtivas", em "guerra industrial de extermínio", e o próprio método proposto é a conquista violenta do poder político. O capitalista não é "convertido" pela razão ou pela caridade; ele é **expropriado**, seus bens são confiscados, e sua classe é destruída como tal.

O Espiritismo, em total e absoluta oposição, fundamenta-se no princípio inalienável do **Livre-Arbítrio**. Em *O Livro dos Espíritos*, a questão é direta:

> *"843. Tem o homem o livre-arbítrio de seus atos? – Pois que tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina." (O Livro dos Espíritos, q. 843)*

O cerne da evolução espiritual é a **escolha livre e consciente**. Não se pode forçar ninguém a ser bom, e a bondade forçada não tem mérito algum. A caridade, para ser verdadeira, deve brotar do coração, não ser imposta por decretos ou canhões. O egoísta não pode ser "desapropriado" de seu egoísmo; ele precisa, por seu próprio esforço e compreensão, chegar à conclusão de que o egoísmo é prejudicial a si mesmo e aos outros.

A duração do sofrimento do Espírito culpado está subordinada ao seu próprio aperfeiçoamento voluntário

Em *O Céu e o Inferno*, Kardec é ainda mais claro ao explicar que a duração do sofrimento do Espírito culpado está subordinada ao seu **próprio aperfeiçoamento voluntário**:

> *"8º) A duração do castigo está subordinada ao aperfeiçoamento do espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr fim aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a reparação – em resumo: um aperfeiçoamento sério, efetivo, assim como um retorno sincero ao bem." (O Céu e o Inferno, cap. VIII, item 8º)*

A reforma, portanto, é um ato da vontade individual, não uma imposição externa. O Espiritismo respeita o tempo de cada um, a escolha de cada um, o caminho de cada um. A revolução violenta, que não respeita a liberdade de ninguém, é a antítese completa desse princípio.

A hipocrisia aqui é evidente: como um espírita pode, com base na caridade e no respeito ao livre-arbítrio do próximo, defender um sistema que prega o extermínio de uma classe social ("inimigo de classe") e a ditadura do proletariado como etapas necessárias para um bem maior? Isso é a antítese completa do "Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem".

As Provas da Riqueza e da Pobreza – Instrumentos de Evolução, não Estruturas a Serem Abolidas pela Força

Aqui chegamos a um ponto crucial, frequentemente ignorado pelos que tentam conciliar o Espiritismo com ideologias materialistas.

No Espiritismo, a riqueza e a pobreza não são meras “estruturas sociais injustas” a serem abolidas pela força. São, antes de tudo, **provas** – experiências necessárias ao aprendizado e à evolução do Espírito. Em *O Livro dos Espíritos*, a questão é clara:

> *“814. Por que Deus a uns concedeu as riquezas e o poder, e a outros, a miséria? – Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabeis, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, sucumbem com frequência.”*
>
> *“815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza? — São-no tanto uma quanto a outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita a todos os excessos.” (O Livro dos Espíritos, q. 814-815)*

A riqueza, portanto, não é um “mal em si” que precisa ser extirpado pela revolução. É uma **prova perigosa**, que pode levar o Espírito ao orgulho, ao egoísmo e à avareza – mas que também pode ser bem utilizada como instrumento de caridade e auxílio ao próximo. A pobreza, por sua vez, é uma prova de resignação, que pode levar o Espírito à revolta contra Deus ou à humildade e à paciência.

A existência dessas provas não é um acidente histórico ou uma “injustiça social” a ser corrigida pela violência. Ela é uma **característica do nosso planeta**, que se encontra em uma fase específica de sua evolução – a de **expiações e provas**. Kardec explica que a Terra um dia se transformará, deixará de ser um mundo de provas e se tornará um mundo de regeneração. Nessa nova fase, as condições materiais serão outras, e os Espíritos que aqui encarnarão já não terão necessidade de passar pelas provas da riqueza e da miséria.

A transformação não se dará pela força

Mas essa transformação não se dará pela força. Não será uma revolução violenta que a produzirá. Ao contrário, a transformação será a **consequência natural** da evolução moral dos Espíritos que habitam a Terra. Nas palavras do próprio Kardec:

> *"O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus." (O Livro dos Espíritos, q. 1019)*

Ou seja: primeiro o homem se torna bom, por seu próprio esforço, compreensão e vontade; então, naturalmente, suas instituições se tornam boas. A violência, a coerção e a imposição de um modelo à força são métodos que pertencem ao velho mundo, ao mundo do egoísmo e da barbárie – exatamente o mundo que se quer superar.

Um "espírita comunista" que defende a expropriação forçada dos ricos está, na prática, negando a própria razão de ser da riqueza como prova. Está dizendo, em outras palavras: "A riqueza não é uma prova para o Espírito; é apenas um roubo a ser reparado pela violência". E, ao fazer isso, está propondo um método que não transforma ninguém – apenas amedronta e subjuga – e que, portanto, é inútil para o verdadeiro progresso espiritual da humanidade.

A Crítica Espírita aos Sistemas de Reforma Social

É importante notar que Allan Kardec não era ingênuo. Ele conhecia os sistemas de reforma social de seu tempo (socialismo utópico, fourierismo, owenismo) e os analisou criticamente. Em sua *Viagem Espírita em 1862*, ele faz uma análise surpreendentemente aguda, que poderia muito bem ser dirigida ao marxismo:

> *"Alguns homens bem intencionados, tocados pelos sofrimentos de uma parte de seus semelhantes, supuseram encontrar o remédio para o mal em certas doutrinas de reforma social. [...] Os autores, fundadores ou promotores de todos esses sistemas, sem exceção, não visaram senão a organização da vida material de uma maneira proveitosa a todos. A finalidade é louvável, indiscutivelmente. Resta saber se, nesse edifício, não falta à base que, só ela, poderia consolidá-lo." (Viagem Espírita, p. 36)*

E qual é a base que falta? Kardec responde:

> *"A comunidade é a abnegação mais completa da personalidade. Ela requer o devotamento mais absoluto, pois cada pessoa deve pagar de sua pessoa. Ora, o móvel da abnegação e do devotamento é a Caridade, isto é, o amor ao próximo. Entretanto, é preciso reconhecer que a base da caridade é a crença; que a falta de crença conduz ao materialismo, e o materialismo ao egoísmo." (Viagem Espírita, p. 37)*

A crítica de Kardec é precisa: os sistemas de reforma social que ignoram a dimensão espiritual do homem estão condenados ao fracasso porque tentam construir a fraternidade sobre o egoísmo, a solidariedade sobre a incredulidade. O marxismo, ao negar Deus, a alma e a vida futura, remove exatamente a base que poderia sustentar a abnegação e o devotamento desinteressados.

E mais: ao tentar impor pela força o que deveria brotar do coração, tais sistemas não apenas falham em transformar o homem, como o endurecem ainda mais, exatamente como acontece com o Espírito que se revolta contra Deus diante das provações. A revolução violenta produz revolucionários amargurados, não homens de bem.

Conclusão: A Incoerência é Doutrinária, não Política

Defender o comunismo e o Espiritismo simultaneamente não é um problema de "abertura política" ou "pluralismo de ideias". É uma **contradição lógica e doutrinária fundamental**, comparável a defender o ateísmo e o sacerdócio ao mesmo tempo.

Aquele que se diz espírita e se proclama marxista ou comunista precisa, no mínimo, explicar como concilia:

Doutrina Espírita	Marxismo-Comunismo
Acredita na imortalidade e na preexistência da alma	Afirma que a consciência é um reflexo da matéria
O motor da história é a reforma moral individual	O motor da história é a luta de classes
O método é a caridade, o exemplo e a persuasão	O método é a revolução violenta e a ditadura
O progresso depende do livre-arbítrio de cada um	O progresso exige a imposição de uma nova ordem
A riqueza e a pobreza são **provas** para o Espírito	A riqueza é, por definição, fruto da exploração
A transformação social é consequência da evolução moral	A transformação social é causa da evolução do homem
O fim da desigualdade virá naturalmente com o progresso moral	O fim da desigualdade deve ser imposto pela força

Não se trata de defender o capitalismo ou qualquer outro sistema. Trata-se de reconhecer que o Espiritismo propõe um caminho próprio, original e singular: a transformação pela educação, pela fé racional, pelo exemplo e pela caridade. Abraçar a lógica marxista é, no fundo, demonstrar uma profunda **descrença no poder reformador do Espiritismo**.

É dizer, na prática, que a caridade, o amor ao próximo e o livre-arbítrio são insuficientes para mudar o mundo e que, para consertar a sociedade, a violência é necessária. É afirmar que o exemplo de Jesus – que pregou o perdão, a misericórdia e a transformação pelo amor – é impotente diante da força das armas e das barricadas.

O verdadeiro espírita compreende que as provas da riqueza e da pobreza são necessárias para o aprendizado dos Espíritos que encarnam na Terra. Ele sabe que não pode, pela força, abolir essas provas sem prejudicar o livre-arbítrio e a evolução de seus irmãos. O que ele pode – e deve – fazer é, pelo seu próprio exemplo de desprendimento e caridade, auxiliar aqueles que o cercam a compreender o verdadeiro significado da felicidade e do bem.

E quando um número suficiente de Espíritos houver compreendido isso, naturalmente a Terra se transformará, e as condições de prova darão lugar a condições de regeneração. Mas essa transformação será o resultado de um longo processo de **conscientização voluntária**, não de uma imposição violenta.

Isso, senhoras e senhores, é o oposto de tudo o que Allan Kardec nos ensinou.

O verdadeiro espírita não espera que o Estado o force a ser bom. Ele se esforça, dia após dia, por sua própria reforma íntima, certo de que é pelo exemplo, pela palavra e pela caridade que se transforma o coração humano – e que é transformando coração por coração que se transformará o mundo. Como disse Kardec em sua *Viagem Espírita*:

> *"Sede bons para com vossos irmãos, sede bons para com o mundo inteiro, sede bons para com vossos inimigos! [...] Fazei esses milagres e Deus vos abençoará." (Viagem Espírita, p. 43)*

Não há espaço, nessa visão, para o ódio de classe, para a revolução violenta ou para a ditadura do proletariado. Há apenas o trabalho silencioso, contínuo e transformador da consciência que, liberta do egoísmo, constrói, pedra por pedra, o reino do bem na Terra. Que cada um escolha o seu caminho. Mas que não chame de Espiritismo aquilo que é a sua negação mais absoluta.

Allan Kardec (Paris, 1865)

"O Espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela generalidade das questões que abraça, o Espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador. Por isso que é contemporâneo. Surgiu no momento em que podia ser útil, pois para ele também os tempos são chegados." (A Gênese, cap. XVIII, item 23)

Seu relato pode iluminar vidas: Participe da Revista Espírita Semear

Você já viveu uma experiência que foge à explicação comum? Um pressentimento que se confirmou, uma visão, uma aparição, um ato de profunda abnegação ou até mesmo uma manifestação que acreditou ser de origem espiritual? Saiba que a sua vivência pode ser de imenso valor para o estudo e a compreensão da Doutrina Espírita.

Inspirados na metodologia de Allan Kardec, que valorizava a observação e a coleta de fatos para construir o conhecimento, a **Revista Espírita Semear** abre um espaço especial para você. Criamos um canal direto e seguro para a submissão de relatos pessoais, que serão analisados e poderão ser abordados em nossos estudos.

Que tipos de relatos podemos enviar?

O convite é amplo e abrange diversos fenômenos que despertam a curiosidade humana. Se a sua história se encaixa em algum dos tópicos abaixo, não hesite em compartilhá-la:

1. **Manifestações Materiais ou Inteligentes:** Objetos que se movem, sons sem causa aparente, comunicações inteligentes por meio de mesas, psicofonia ou psicografia.
2. **Intuição e Premonição:** Fatos de segunda vista, previsões, pressentimentos.
3. **Poder Oculto:** Relatos sobre o poder atribuído a certas pessoas, seja ele de cura, influência ou outro tipo, com ou sem fundamento.
4. **Visões e Aparições:** Encontros com entes queridos já desencarnados, avistamento de figuras espirituais.
5. **Fenômenos do Morrer:** Experiências psicológicas particulares que

ocorrem no momento da morte de alguém próximo (sensações, coincidências marcantes).
6. **Desafios Morais e Psicológicos:** Problemas que você enfrenta e que gostaria de ver analisados sob a ótica espírita, em busca de entendimento e solução.
7. **Exemplos de Virtude:** Atos notáveis de devotamento e abnegação, cuja propagação possa servir de exemplo útil e inspirador para a comunidade.
8. **Indicações de Obras:** Sugestões de livros antigos ou modernos, nacionais ou estrangeiros, que contenham fatos ou opiniões relevantes sobre a manifestação dos Espíritos e suas relações com os homens.

Por que compartilhar sua história?

A página de submissão reforça um ponto fundamental: **a sua identidade será preservada.** A garantia é clara: *"Não se preocupe, não o divulgaremos a ninguém!"*. O foco está no fenômeno, na lição ou na mensagem, jamais na exposição pessoal.

Ao enviar seu relato, você contribui para:

- **A construção do conhecimento coletivo:** Assim como Kardec analisou centenas de casos para codificar a Doutrina, seus relatos ajudam a identificar padrões e leis universais.
- **O consolo e a fé alheia:** Sua experiência pode ser a chave que faltava para alguém que enfrenta um luto difícil ou uma crise espiritual.
- **O fortalecimento da pesquisa espírita séria:** Damos continuidade ao método de observação e interpretação dos fatos, sem sensacionalismo, mas com a seriedade que o tema exige.

Como enviar seu relato?

O processo é simples, seguro e está disponível no site do **Geo Legado de Allan Kardec**. Basta acessar o link abaixo, preencher o formulário com o seu relato (lembrando de focar na descrição clara e objetiva dos fatos) e enviar.

➡ **Link para**

submissão: https://www.geolegadodeallankardec.com.br/submissao-de-relatos-pessoais/

Não deixe para depois. A sua história, guardada em silêncio por tanto tempo, pode ser a luz que ilumina o entendimento de muitos. Seja um colaborador ativo da Revista Espírita Semear. Envie seu relato hoje mesmo e faça parte desta corrente de estudo e evolução!